

**PODE O ABJETO AMAR E SER AMADO?: CONSIDERAÇÕES SOBRE
O ROMANCE JUVENIL *FELIX PARA SEMPRE* (2021), DE KACEN
CALLENDER**

**CAN THE ABJECT LOVE AND BE LOVED?: CONSIDERATIONS ON
THE YOUNG ADULT NOVEL *FELIX EVER AFTER* (2021), BY KACEN
CALLENDER**

Erica Fernandes Alves (UEM)

efalves@uem.br

<https://orcid.org/0000-0002-7691-2976>

Fernanda Favaro Bortoletto (UEM)

ffbortoletto@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2587-1828>

Natacha dos Santos Esteves (UEM)

natachaestevescm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9834-5044>

RESUMO: *O presente estudo tem como objetivo abordar a temática da abjeção e da identidade no romance juvenil estadunidense *Felix para sempre* (2021), escrito por Kacen Callender. Para tanto, a pesquisa de caráter bibliográfico utiliza-se da teoria de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) de modo a realizar recortes analíticos, visto que assim como toda grande obra, o romance é multifacetário e se abre para diversas direções. O trabalho, segmentado em quatro partes, apresenta a já referida temática da abjeção e depois, na parte final, aborda a questão da identidade e duas formas de empoderamento e resposta à abjeção, o uso de autorretratos e a aceitação do amor. O embasamento teórico utilizado é oriundo da Teoria Queer, os Estudos Culturais e a Interseccionalidade, uma vez que se trata de um romance cujo protagonista é um jovem negro, transexual, queer e pertencente à classe econômica menos privilegiada.*

PALAVRAS-CHAVE: *abjeto; Felix para sempre; interseccionalidade; teoria queer; transexualidade.*

ABSTRACT: *The present study aims to address the theme of abjection and identity in the American young adult novel Felix Ever After (2021), by Kacen Callender. For that, this bibliographic research uses the content analysis theory proposed by Bardin (1977) in order to make analytical clippings, since, like any literary work, the novel is multifaceted and leads in different directions. The work, divided into four parts, presents the aforementioned theme of abjection and then, in the final part, addresses the issue of identity and two forms of empowerment and response to abjection, the use of self-portraits and the acceptance of love. The theoretical basis used derives from the Queer Theory, the Cultural Studies and Intersectionality, since it is a novel whose protagonist is a young black, transsexual, queer, belonging to a less privileged economic class.*

KEYWORDS: *abject; Felix Ever After; intersectionality; queer theory; transsexuality.*

*“Me fizeram de pedra
Quando eu queria
Ser feita de amor.”
Hilda Hilst, Presságio*

1 Considerações iniciais sobre a falta de representatividade na literatura juvenil das Américas e suas implicações contemporâneas

Por serem considerados menos importantes, com linguagem simplória e não sérios, os livros destinados aos públicos infantis e adolescentes têm sido marginalizados desde seu surgimento (HUNT, 2005), enfrentando desafios para serem aceitos como literatura, bem como no mercado editorial. Até mesmo histórias mais populares foram alvo de obstáculos ideológicos em seu processo de editoração, como é o caso da saga *Harry Potter*, cuja autora J. K. Rowling precisou fazer a utilização de um pseudônimo masculino para que pudesse publicar o primeiro volume da saga que, anos mais tarde, ganharia tamanha notoriedade, assegurando sua posição no cânone de literatura infantil e juvenil (ROSADO, 2015).

A problemática levantada pelo presente estudo não reside em determinar o valor estético e contedístico presente em *Harry Potter*. Reside no fato de que é extremamente nocivo ter uma história britânica, de alcance mundial, composta majoritariamente por personagens brancos, padronizados e heterossexuais, sendo listada como um clássico, seja no mercado editorial ou no âmbito da representatividade. A autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie alerta, em *O perigo de uma história única*, que “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em

comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (ADICHIE, 2019, p. 27-28). Então, diante do exposto, o que se questiona é a falta de representatividade e diferença em histórias como *Harry Potter* e em muitas outras que alcançam sucesso mundial.

A reflexão em torno da diferença exige a delimitação de que ela implica em “uma concepção horizontal de relações sociais que tem como objetivo evitar a divergência e, sobretudo, o conflito” (MISKOLCI, 2017, p. 54). Dessa forma, o termo diferença é essencial quando pensamos em narrativas minoritárias que carregam a representatividade, visto que a diferença “é mais democrática porque nos convida a descobrir a alteridade como parte não reconhecida do que somos, em vez de um atributo ou a identidade de um Outro incomensuravelmente distinto de nós mesmos” (MISKOLCI, 2017, p. 54-55).

Alguns indivíduos poderiam alegar a não existência de outros tipos de narrativas no passado, mas, conforme afirma Ebony Elizabeth Thomas no ensaio *Stories Still Matter: Rethinking the Role of Diverse Children’s Literature Today* (2016), os personagens representantes dos grupos minoritários têm permeado a literatura infanto-juvenil estadunidense há tempos,

as conversas sobre a diversidade na literatura infantil não são novas. As opiniões do *New York Times* escritas pelo falecido -escritor infantil pioneiro negro Walter Dean Myers e seu filho Christopher Myers na primavera de 2014 estavam entre os mais recentes desenvolvimentos em décadas de lutas sobre as disparidades na publicação infantil e na mídia (C. Myers, 2014).; W. D. Myers, 2014). Seus ensaios poderosos, “Onde estão as pessoas de cor nos livros infantis?” e “O Apartheid da Literatura Infantil”, fizeram referência ao seu trabalho com crianças, bem como aos seus compromissos ao longo da vida como escritores para representar a vida de – crianças diversificadas¹ (THOMAS, 2016, p. 116, tradução nossa).

Um outro ponto que a autora levanta é o fato de que quando existe a presença de personagens minoritários em narrativas infantis, estes são representados de forma equivocada, visto que “o problema vai além da mera falta de representação de cor em publicações e mídias infantis. Muitos personagens que realmente aparecem na página, em um *tablet*, em uma televisão, tela de cinema ou computador são muitas vezes problemáticos²” (THOMAS, 2016,

¹ “Conversations about diversity in children’s literature are not new. *New York Times* op- eds written by the late pioneering Black children’s author Walter Dean Myers and his son Christopher Myers in the spring of 2014 were among the latest developments in decades- long struggles over disparities in children’s publishing and media (C. Myers, 2014; W. D. Myers, 2014). Their powerful essays, ‘Where Are the People of Color in Children’s Books?’ and ‘The Apartheid of Children’s Literature,’ referenced their work with children as well as their lifelong commitments as writers to represent diverse kids’ lives.”

² “The problem extends far beyond the mere lack of representation of characters of color in children’s publishing and media. Many diverse characters that actually do show up on the page, on a tablet, on a television or movie screen, or on the computer are often problematic.”

p. 117, tradução nossa). Segundo a autora, quando presentes, estes personagens marginalizados são retratados a partir de representações estereotipadas e caricaturizações exageradas de comportamentos e traços físicos estigmatizados. Atrelado a isso, Thomas chama atenção para o fato de que além dessas questões em nível de personagens, muitos autores que escrevem sobre personagens minoritários não fazem parte desses grupos minoritários, o que acarreta narrativas que servem para a manutenção da ordem vigente.

É evidente que esse quadro não se aplica a todos os contextos e a recorrência de narrativas estereotipadas e problemáticas é menor na contemporaneidade. Isso se dá porque a sociedade estadunidense³ vem, desde 1960, tendo uma percepção diferente sobre questões sociais, afetando o mercado editorial com isso. Stuart Hall (2020), sociólogo britânico-jamaicano e crítico dos Estudos Culturais, ao comentar sobre o fenômeno do sujeito na modernidade tardia⁴, afirma que ele está em constante descentramento e cada forma de descentramento⁵ suscita uma nova maneira de se organizar no individual e no coletivo. Dentre todas as que ele levanta, a última forma de descentramento, o feminismo enquanto crítica e movimento social, tem um peso significativo no que tange à presença de representatividade de minorias na arte como um todo. Segundo o autor,

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais” que emergiram durante os anos 1960 – o grande marco da modernidade tardia –, juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “terceiro mundo” (HALL, 2020, p. 27).

Desses “novos movimentos sociais” suscitados pelo feminismo, tem-se o advento da Teoria Queer. Segundo Richard Miskolci (2017), o *queer*, seja em termos teóricos e/ou políticos, tem como marco de seu surgimento, além do feminismo, um impulso crítico sobre a ordem sexual contemporânea e ele deve ser analisado não somente a partir da problemática da homossexualidade, e, sim, a da abjeção. O abjeto, conforme afirma Miskolci (2017, p. 24),

Se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. Segundo Julia Kristeva, o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem. (1982, p. 4). A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser

³ Entende-se que não é apenas a sociedade estadunidense que assumiu uma nova postura em 1960, mas, pensando na obra em análise (um romance estadunidense), optou-se por esse recorte.

⁴ Equivalente a segunda metade do século XX.

⁵ A saber, a primeira descentração refere-se às tradições do pensamento Marxista; a segunda é oriunda da “descoberta” do inconsciente por Sigmund Freud; depois, temos a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure; a quarta é a carga do trabalho filosófico de Michel Foucault; a quinta tem como responsável o feminismo.

temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade.

Esse termo é imprescindível quando se tem a necessidade de refletir sobre a forma como personagens minoritários negros e *queer* são representados na literatura, em especial a juvenil, dado que eles ocupam a posição de abjeto, desafiando a norma social ditada pelo padrão heterossexual presente na sociedade. Desse modo, o abjeto é excluído socialmente por romper as normas de gênero impostas pela heteronormatividade, “a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo” (MISKOLCI, 2017, p. 48), imposta aos sujeitos através de violências físicas e simbólicas.

Entretanto, é necessária cautela ao pensar a respeito das violências e opressões que os grupos minoritários sofrem, visto que elas não acontecem de forma separada, focalizando um único ponto a ser posto como alvo. A complexidade dos sujeitos marginalizados os torna aptos a serem enquadrados em diferentes categorias sociais nomeadas *interseccionalidades* pelas teóricas Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021).

Segundo as autoras, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes” (BILGE; COLLINS, 2020, p. 12). Para analisar esse fenômeno, é necessário o subsídio de estudos que englobam a interseccionalidade, uma teoria analítica que se ocupa em entender como categorias como raça, classe, gênero, faixa etária, etnia, etc. podem potencializar a discriminação e violência que determinado grupo sofre, conforme veremos mais adiante.

Para tanto, o objeto de estudo do presente trabalho é o romance juvenil estadunidense *Felix para sempre* (2021), de Kacen Callender. A obra, a título de informação, traz como protagonista um adolescente negro, *queer*, transexual e gay, pertencente a uma classe social menos privilegiada. Apenas com o exposto, nota-se que o romance de Callender é deveras profícuo no que tange a leituras científicas, mas, tendo em vista os limites espaciais delimitados no estudo em questão, a análise será direcionada para a Teoria Queer, focalizando a abjeção, a heteronormatividade, a interseccionalidade e, brevemente, a identidade.

2 “É difícil sentir orgulho de mim quando parece que o resto do mundo não quer isso”

Kacen Callender⁶, autor de *Felix para sempre*, nasceu em St. Thomas, nas Ilhas Virgens Americanas, no Caribe. Além de romances, escreve histórias de fantasia e ficção

⁶ As informações biográficas foram colhidas no site do próprio autor: <https://www.kacencallender.com/>.

contemporânea para crianças e jovens adultos. Por *Felix para sempre*, já recebeu o National Book Award em Literatura Jovem e o Stonewall Honor Book, da Associação Americana de Bibliotecas. Grande parte da produção literária de Callender é voltada para questões *queer*, visto que, o próprio autor afirma, em um artigo publicado no site *Oprah Daily*, que possui várias identidades,

Eu não me assumi, não para todo mundo. contei para uma pessoa da minha família que eu sou queer, trans e não-binário, mas não quis contar para mais ninguém. Não sei como eles iriam reagir às minhas identidades, principalmente porque muitas pessoas da minha família fizeram comentários anti-queer e anti-trans no passado⁷ (CALLENDER, 2021, n. p. tradução nossa).

A exposição feita por Callender já resolve uma das problemáticas levantadas por Thomas (2015). Por tratar-se de um autor que vivencia na pele alguns dos dilemas apresentados na obra, os personagens não são estereotipados, eles são representativos. Claro que não são apenas pessoas que vivenciam determinadas situações que podem falar delas, afinal de contas, pensar dessa forma é confundir local de fala com representatividade (RIBEIRO, 2020). O que Thomas argumenta e o que é válido para o presente estudo, é a representatividade da obra, visto que isso a torna um discurso mais potente no âmbito da literatura juvenil estadunidense.

Isto posto, em sua obra literária *Felix para sempre*, o autor cria um protagonista com o potencial de ser a voz representativa de adolescentes negros, homossexuais, transexuais e de classe baixa que sofrem preconceitos todos os dias de suas vidas. No romance, Felix é alvo de ataques transfóbicos e, ao arquitetar sua vingança, precisa lidar com sentimentos amorosos confusos e questionamentos sobre sua identidade em uma jornada de autodescoberta.

A título de introdução, no romance narrado em primeira pessoa, é possível acompanhar o momento que antecede a possível vida acadêmica do personagem Felix Love, em Nova York. O jovem negro de dezessete anos é estudante de uma escola de artes chamada St. Catherine's e almeja entrar para a Universidade Brown. Por questões econômicas, ele só conseguiria estudar nessa universidade por meio de bolsa e isso o faz ser extremamente competitivo com outro personagem, um menino negro chamado Declan Keane. A relação dos dois se acentua quando algum colega monta uma galeria, na escola, com fotos de Felix antes da transição, mostrando o que ele chama de "nome morto", conforme é possível de ser evidenciado no seguinte excerto:

⁷ "I didn't come out—not to everyone, anyway. I told one family member that I'm queer, trans, and nonbinary, but I didn't want to tell anyone else. I didn't know how they would react to my identities, especially when many people in my family have made anti-queer and anti-trans statements in the past."

Há uma galeria nas paredes do saguão. Sempre há instalações artísticas de estudantes no saguão durante o ano letivo, então não estou surpreso. O que me surpreende são as imagens. Fotos ampliadas para um tamanho de 16 x 16cm.

Fotos do meu Instagram.

Fotos de quem eu *era*.

Cabelo comprido. Vestidos. Imagens de mim com esses sorrisos forçados. Expressões mostrando como eu me sentia desconfortável. A dor física está estampada em meu rosto nessas fotos.

[...] A placa na parte inferior tem um título com meu nome morto e o ano das fotos. (CALLENDER, 2021, p. 30, grifo do autor).

Quando Felix diz que “a dor física está estampada em meu rosto nessas fotos” não se trata apenas das fotos, mas é como ele se sente ao vivenciar aquela situação que, com o passar do tempo, acaba se tornando um crime de transfobia, visto que o autor da galeria passa a usar uma conta falsa no Instagram com o objetivo de enviar mensagens transfóbicas a Felix. A única pessoa em quem ele consegue pensar como culpado é Declan, uma vez que o menino o trata mal desde que terminara seu relacionamento com Ezra, melhor amigo de Felix. Buscando vingança, Felix cria uma conta *fake* no Instagram também e passa a trocar mensagens com Declan para descobrir algum segredo, visando expor depois. Ao longo da narrativa, é revelado que o responsável pela galeria e por toda transfobia não é quem Felix pensava que fosse.

Um outro ponto a ser observado no excerto é o local em que a galeria é montada. Conforme mencionado anteriormente, Felix estuda em uma escola de artes, o que leva a pressupor que seja um local mais acolhedor com pessoas LGBTQIA+. Contudo, é exatamente nesse local que ele é alvo de violência. A escola, conforme afirma o professor Richard Miskolci, é um dos locais em que o adolescente anormal⁸ passa a ter ciência de sua anormalidade:

Na escola [...] as pessoas entrariam em contato pela primeira vez com a sociedade e suas demandas. Isso porque, muito frequentemente, nas famílias é claro que você está inserido na sociedade, mas você tem um certo cordão de proteção com relação a muitas demandas exteriores ao círculo do parentesco. Na escola, tal cordão desaparece, e é aí que descobrimos que somos acima do peso, ou magros demais, feios, baixos, gagos, negros, afeminados. Em suma, é no ambiente escolar que as ideias coletivas sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de uma forma muito violenta (MISKOLCI, 2017, p. 42).

O que corrobora com isso é o fato de que Felix sente que não pode confiar na escola e por isso decide resolver a situação de seu jeito, como é possível de ser evidenciado no excerto que segue, quando o personagem conversa com Ezra: “O que você quer fazer? – ele pergunta. – Devemos contar a algum professor ou algo assim? Eu reviro os olhos. – Eles não vão fazer

⁸ O anormal refere-se ao que não se enquadraria dentro da heteronormatividade. Seu uso não é de intenções pejorativas.

merda nenhuma.” (CALLENDER, 2021, p. 32). Em outro momento, quando é chamado para uma conversa com a diretora da escola, após o ocorrido, Felix sente tudo, menos acolhimento:

A reitora Fletcher junta as mãos.

– Foi algo inaceitável e instalado sem a permissão dessa administração – ela diz e eu sinto um vazio no estômago ao entender que era por isso que fui chamado para o escritório: para tirarem o deles da reta. Ela está com medo de que eu possa processar a St. Catherine’s ou algo assim. – Sinto muito que isso aconteceu com você, Felix.

[...] – Vamos começar uma investigação.

Eu me impeço de revirar os olhos. O máximo que eles vão fazer é perguntar a alguns estudantes se eles viram alguma coisa e quando esses estudantes disserem que não, a galeria será dada um caso encerrado (CALLENDER, 2021, p. 40).

Assim, com o pensamento de que precisa resolver a situação sozinho, a galeria e todas as mensagens transfóbicas acabam atuando como um ponto de declínio na autoestima de Felix que ainda estava em construção. Mesmo antes de sofrer o crime, ele já tinha alguns problemas no quesito aceitação por parte de pai e mãe e isso o afetava de forma consistente, conforme pode ser evidenciado no seguinte excerto:

Nunca conversamos sobre o assunto. Como ele não gosta de dizer o nome Felix em voz alta. Como ele sempre se descuida e usa os pronomes errados e não se preocupa em corrigir. Como em algumas noites, quando ele bebe um pouco de uísque ou cerveja demais, ele me diz que sempre serei sua filha, sua garotinha (CALLENDER, 2021, p. 22).

Somado ao comportamento de seu pai, Felix se penaliza – mesmo que não tenha culpa – pelo fato de que sua mãe os abandonou. Apesar de ter alguns embates ou algumas ressalvas com o pai, o homem é presente e tenta entendê-lo, enquanto a opção da mãe é o silêncio, fato que causa mais dor em Felix do que uma agressão física. Ele já havia rascunhado mais de 473 e-mails para sua mãe, sem coragem de enviar, visto que mesmo tendo se assumido para ela, Felix não obteve resposta. Eni Orlandi (1997, p. 44) afirma, em seu livro intitulado *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, o fato de que é necessário conceber o silêncio como algo constitutivo de sentido, uma vez que “o silêncio não fala, ele significa”. Um dos silêncios que Orlandi pontua e que corresponde ao comportamento da mãe de Felix é o silêncio opressor. Nele, um dos sentidos que se tira é que determinada pessoa (sociedade) pratica o silêncio para se manter dominante, mesmo que ausente. Em um dos rascunhos que escreve, o personagem de Callender deixa bem marcado como o silêncio da falta de resposta da mãe o abala:

Eu sei que não posso *obrigar* ninguém a nada, mas ainda é muito chato quando ela me ignora ou age como se ela estivesse nem aí pra mim ou minha existência. Faz eu me sentir... bem, acho que um pouco como você faz eu me sentir. Exceto que você é dez mil vezes pior. Porque, bem, você é a minha mãe. (CALLENDER, 2021, p. 20, grifo do autor).

O excerto escolhido revela um outro ponto da vida de Felix que abala sua autoestima: ter sido chamado de misógino por Marisol, uma garota bissexual com quem havia saído e integrante do grupo de amigos do protagonista. As motivações dela são transfóbicas, mas ele não consegue compreender dessa forma e se questiona sobre se de fato é misógino. Miskolci (2017) afirma que é comum gays e lésbicas serem orientados para o princípio da heteronormatividade, buscando um enquadramento na ordem normal e relegando a condição de abjeto, de diversas formas, tudo o que não se enquadra dentro da normatividade, e é isso que Marisol deixa a subentender quando faz as seguintes afirmações:

Ninguém escolhe ser transgênero – ela diz lentamente.

[...]

Não estou dizendo nada contra Felix ou pessoas trans – Marisol diz –, mas se alguém decide que não quer mais ser uma mulher, para mim, isso só significa que essa pessoa inerentemente não gosta de mulheres[...]. (CALLENDER, 2021, p. 167).

A argumentação de Marisol não tem, obviamente, a menor fundamentação de verdade. Ela é transfóbica e opressora, uma vez que, conforme o desenvolver da obra, ela oprime Felix e o faz questionar seu lugar no grupo de amigos. Somado ao terror psicológico causado pela colega, outro ponto que desestabiliza o personagem são as já mencionadas mensagens transfóbicas que recebe. O conteúdo delas visa, nitidamente, ferí-lo, conforme pode ser observado no seguinte excerto:

Você está tentando me ignorar?

Não dá para me ignorar.

Ouvi dizer que sua mãe te abandonou.

Eu também teria feito isso, se tivesse uma filha que fingisse ser um garoto.

(CALLENDER, 2017, p. 210, grifos do autor).

O excerto em questão trata-se de algumas das mensagens que mais afetaram o personagem. Ele entende que não são palavras verdadeiras, mas elas o perfuram e o conteúdo delas o perturba:

Lágrimas começam a arder nos meus olhos. A dor enche meus pulmões e dificulta a respiração. Eu não deveria deixar esse troll mexer comigo, mas ele realmente descobriu exatamente onde me atingir, o que dizer para me machucar mais do que qualquer outra coisa. Meus dedos flutuam sobre o botão de *bloquear*. Eu deveria ter bloqueado grandequeen69 há muito tempo. Mas não o pressiono. Sinto essa necessidade de responder, de me defender, de fazer grandequeen69 entender que mereço ser tratado melhor do que desse jeito, que há um ser humano de verdade do outro lado do celular. (CALLENDER, 2017, p. 210, grifo do autor).

Mesmo tendo ciência de que é um “humano de verdade e que merece ser tratado melhor”, Felix internaliza o conteúdo transfóbico das mensagens, o processo doloroso de

aceitação por parte de pai, o abandono da mãe e a transfobia de Marisol. A situação do protagonista o posiciona como abjeto na sociedade, alguém que não é aceito na esfera social e relegado à humilhação e repulsão coletiva (MISKOLCI, 2017). Assim, apenas por ter modificado o seu corpo, ter deslocado a categoria de gênero e ser negro, Felix já é considerado um abjeto dentro da sociedade que é orientada para o princípio da heteronormatividade. Por sua condição de abjeção, e por motivações pessoais dos agressores, ele acaba sendo vítima de transfobia por parte de outros jovens que se localizam dentro da sigla LGBTQIA+.

Além da violência já citada, outro exemplo deste fato é a violência do personagem Austin, um menino gay, que é o autor da galeria e das mensagens depreciativas a Felix. Quando questionado sobre a motivação, apesar de tentar negar a princípio, a verdade escapa: “– eu queria falar com o Ezra – ele diz –, e parecia que eu nunca conseguiria uma chance de falar com ele sozinho. Você sempre estava com ele, e ele sempre estava bajulando você, e era uma merda, porque ele gosta de caras e você, você nem é...” (CALLENDER, 2021, p. 255).

A abjeção também deve ser relacionada ao fato de que Felix é um jovem negro, localizado nos Estados Unidos da América e pertencente a uma classe econômica menos privilegiada. Durante toda a obra, o personagem reconhece o árduo trabalho que seu pai tem para mantê-los e prover as necessidades básicas. Não ter o mesmo poderio econômico que seus colegas de escola é algo que o distancia, inconscientemente, dos demais. O protagonista é extremamente autocrítico e auto sabotador com seu trabalho, visto que teme a possibilidade de não conseguir uma bolsa de estudos. Além disso, ele compara sua realidade econômica com as de seus colegas, sempre evidenciando a enorme barreira entre os dois mundos, conforme é possível ser evidenciado no trecho que segue, quando ele discute com Ezra – outro personagem negro – sobre dinheiro e privilégios:

– Digo, olhe ao seu redor. Você literalmente está banhado em privilégio e dinheiro. Você poderia fazer qualquer coisa – eu dou de ombros. – O que você tem para reclamar? [...]
– Fico meio... sabe, meio puto de ouvir você reclamar quando você pode ter qualquer coisa no mundo se tivesse, não sei, a motivação para fazer alguma coisa.
– Isso é injusto.
– Sua mãe, ela te ama, eu posso ver, mesmo se ela não demonstra isso de modo como você quer que ela demonstre.
Ele está sacudindo a cabeça.
– E você pode ir para qualquer faculdade, qualquer universidade, só com a reputação e o dinheiro da sua família, sem falar no quão talentoso você é em tudo que tenta. (CALLENDER, 2021, p. 101-102).

Para Felix, cogitar se ver em uma condição de igualdade aos outros é impensável porque ele é o abjeto. Ele é um jovem negro, transexual, *queer*, geograficamente localizado em espaço

estadunidense e menos privilegiado economicamente. Para o personagem, esses fatos que o colocam em uma condição de minoria não acontecem um de cada vez, eles constituem sua personalidade e identidade. Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, em seu livro intitulado *Interseccionalidade* (2021), explicam como devemos pensar esses sujeitos que são descentrados por suas diferenças. Para elas,

a interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (BILGE; COLLINS, 2021, p. 12).

Diante do exposto, podemos considerar o personagem Felix como um abjeto completo, um sujeito interseccional. Ter em mente que o fato de ser negro e menos privilegiado economicamente são agravantes em sua condição de abjeção é muito proveitoso ao presente estudo, uma vez que a temática do abjeto é, em grande parte das teorias, relacionada apenas com a sexualidade. No caso de Felix, não é apenas ser transexual e *queer* que o afasta dos outros, todas as interseccionalidades de raça, classe, orientação sexual e gênero que o atravessam o colocam na posição de abjeto.

Um ponto importante sobre a questão da abjeção é o fato de que ela é facialmente orientada para a sexualidade, visto que é na intimidade sexual que se reúnem os sentimentos mais íntimos. Esse ponto é salientado pelo fato de que não se considera Felix apenas como uma vítima de discriminação, ele é um abjeto, “o que, na visão hegemônica, não deveria ser visível” (MISKOLCI, 2017, p. 45). A sexualidade é mencionada, pois esse é um dos principais setores em que a abjeção demonstra interferência em Felix. Ele não se permite amar e ser amado. Quando isso ocorre, o impulso primordial dele é fugir, conforme pode ser evidenciado em dois momentos. O primeiro deles se trata de um desabafo do personagem sobre o amor e suas identidades:

– É como se cada identidade que eu tenho... quanto mais diferente eu sou de todo mundo... menos interessadas as pessoas ficam. Menos... digno de amor eu me sinto, acho. Os interesses românticos em livros, ou em filmes e seriados de TV, sempre são brancos, cis, hétero, com cabelos loiros e olhos azuis. Chris Evans, Jennifer Lawrence. Fica um pouco difícil, eu acho, me convencer de que mereço o tipo de amor que a gente vê nas telas do cinema.
[...]
– Acho que às vezes eu sinto que tenho recortes demais. Tantas diferenças que não poderia nunca me encaixar com as outras pessoas (CALLENDER, 2021, p. 176-177).

E, mais adiante, quando tem que lidar com o fato de que alguém o ama, Felix não permite isso:

– Tenho uma coisa para te contar.
Meu coração afunda. Já sei o que ele vai dizer.
– Não – eu digo. A cabeça dele se vira para mim. – Só... **Não me conta.**
Vejo uma fagulha de mágoa em seu rosto enquanto ele olha para o chão de novo.
– Por que não?
– Somos amigos – digo a ele. – Não quero perder o que nós temos. [...]
– Eu sei disso – ele diz, tão baixinho que eu mal posso ouvi-lo. – Não consigo controlar o que sinto por você.
– **Por que você teria sentimentos por mim?** – pergunto (CALLENDER, 2021, p. 204, grifos nossos).

Quando Felix pede a Ezra que não fale sobre seus sentimentos e depois questiona o porquê de alguém como ele ser amado, o personagem está demonstrando sua condição de abjeto. Ele não se vê como alguém que poder ser amado, que pode se relacionar. E, conforme mencionado anteriormente, a abjeção é mais observável relacionada à sexualidade, visto que:

A abjeção acaba sendo maior via sexualidade porque ali se unem esses sentimentos mais profundos, em que a pessoa mais se sente em confronto com a ordem social. Quer você esteja apaixonado por uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto, não importa, toda pessoa que está envolvida na questão da afetividade e do amor se vê necessariamente num particular, num pessoal, e aí qualquer espécie de norma social que venha mexer com isso acaba sendo violenta (MISKOLCI, 2017, p. 44).

Além dessa implicação, a abjeção é relacionada ao obsceno (o que está fora de cena) e isso se enquadra na forma como Felix organiza a intimidade sexual e amorosa. Ao mesmo tempo que busca – minimamente – ser amado e visto, o comportamento dele é o de quem não se sente confortável em estar, de fato, sendo visto e amado:

Não sei por que estou com tanta raiva de repente, por que quase me sinto traído por ele, como se ele estivesse mentindo para mim sobre nosso relacionamento esse tempo todo. Por baixo dessa raiva está o medo. Ezra e eu... faríamos tanto sentido. [...] É tão perfeito que o medo de isso tudo terminar, de ele perceber que não me ama mais, de ele me deixar do mesmo jeito que minha mãe me deixou, preenche o vazio em meu peito.
Suas sobrancelhas estão franzidas juntas.
– **É quase como se você não quisesse que te amasse.**
– **Não quero** – digo a ele.
[...]
– Você está sempre dizendo que quer se apaixonar. Que acha que é impossível alguém te amar. Aqui estou eu. Dizendo que te amo, porra! (CALLENDER, 2021, p. 205, grifos nossos).

O percurso percorrido até o momento almejava mostrar como a imagética da abjeção, por meio de sua condição enquanto transgênero e toda a transfobia que sofre, foi enraizando-se na mente de Felix e afetando sua vida como um todo. Além disso, foi mostrado um ponto

fundamental que a Teoria Queer apresenta como reflexão em 1960, o fato de que pessoas LGBTQIA+ também podem ser homofóbicas/transfóbicas. Agora, o direcionamento do presente estudo será em mostrar como Felix lida com essas questões ao se compreender intimamente e se permitir se ver e ser visto.

3 “*Ser trans me traz amor. Traz felicidade. E me dá poder*”

Stuart Hall (2020, p. 12), ao comentar sobre o fenômeno do sujeito e a identidade na modernidade tardia, afirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. A afirmação do sociólogo é bastante pertinente quando nos voltamos para o romance em estudo, *Felix para sempre*. Na obra, enquanto lida com toda a violência transfóbica que sofre e a questão da abjeção, o protagonista passa a questionar uma parcela de sua identidade, conforme é possível ser observado, “na maior parte do tempo, não há dúvida: eu sou um cara, não tenho dúvidas sobre isso. Mas outras vezes... ser chamado de garoto não parece certo, quase do mesmo modo que ser chamado de garota parece tão completamente errado” (CALLENDER, 2021, p. 220).

O fato de se questionar é algo que Felix negou por um bom tempo, mas, quando passa a frequentar um Centro LGBT⁹ e ter contato que pessoas diferentes, ele começa a perceber que pode questionar as coisas. Inclusive, ele não é o único personagem *queer* que questiona. Na primeira reunião que participa, Felix presencia um importante debate entre os participantes:

- Há expectativas demais sobre papéis de gênero, até mesmo dentro da comunidade transgênero. Para provar que você é homem, você precisa agir com agressividade. Para provar que você é mulher, você precisa ser passiva [...].
- Você não pode culpar as pessoas por definirem suas identidades com base em papéis tradicionais de gênero – Zelda diz.
- Eu posso, se esses papéis tradicionais de gênero são danosos [...] (CALLENDER, 2021, p. 149).

Apesar de ficar um pouco apreensivo ao ver tantas pessoas diferentes discutindo tabus com naturalidade, ele começa a normalizar os seus próprios questionamentos e entende que tal ação é normal. Richard Miskolci explica como se dá a liberdade de questionar tais normas sociais,

enquanto o movimento homossexual apontava para adaptar os homossexuais às demandas sociais, para incorporá-los socialmente, os queer preferiam enfrentar o

⁹ O uso da sigla incompleta foi mantido, visto que, mesmo sendo uma obra de 2021, é dessa forma que a sigla é apresentada.

desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável. Enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade aceitando valores hegemônicos, os queer criticam esses valores, mostrando como eles engendram as experiências da abjeção, da vergonha, do estigma.

[...] O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem vales a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2017, p. 25).

Essa consideração é importante, pois explica o comportamento do personagem do romance de pensar além dos papéis de gênero, além do que é considerado aceitável para uma pessoa transgênero. O que corrobora isso é o fato de que, com o decorrer da narrativa, Felix aceita se questionar e, por meio de pesquisas, descobre um novo horizonte de possibilidades identitárias:

Em meu quarto, o relógio marca 12:06 da madrugada, tenho o notebook aberto numa publicação do Tumblr que lista centenas de identidades transgênero. Não-binário. Agênero. Bigênero. Transmasculino. Transfeminina. Genderqueer. Não-conformidade de gênero. Tantos termos, tantas identidades, e eu começo a me sentir sobrecarregado de novo, nenhuma dessas definições me parece a certa.

Continuo lendo, deslizando, meu olhar perdendo o foco, quando uma palavra chama minha atenção. *Demigaroto*. Uma pessoa que se identifica em parte ou na maior parte como masculino [...], mas também pode se identificar como não-binário em parte do tempo, ou até mesmo como uma garota (CALLENDER, 2017, p. 220, grifo do autor).

Ao ir além das categorias binárias masculino e feminino, Felix rompe com a ordem silenciosa do heterossexismo¹⁰ que se estabelece na mente de indivíduos por meio da violência. Michel Foucault (1996), propõe uma reformulação sob a forma de se pensar o poder. Para ele, o poder não pode mais ser visto de forma centralizada, sendo um conceito que permeia todos os eixos da sociedade contemporânea por meio de situações estratégicas em determinado contexto. O heterossexismo é uma dessas estratégias, visto que, de forma geral, ele permite que determinado sujeito seja gay ou lésbica, desde que esse sujeito se enquadre nos padrões heteronormativos. Basicamente, ele/ela não pode ser diferente. Essa necessidade de se enquadrar dentro da normalidade era algo que sufocava Felix e quando ele se vê enquanto um demigaroto, o momento é marcado pela libertação:

– Demigaroto.

Demigaroto, demigaroto, demigaroto.

Sorrio um pouco. Eu sorrio, e então solto uma risada, e talvez até chore um pouco, porque eu sei do que Bex estava falando. A confiança que se espalha em mim. Eu sei que isso está certo. É um pouco incrível, que exista uma palavra que explica exatamente como eu me sinto, que acaba com toda a confusão e questionamento e

¹⁰ “Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais.” (MISKOLCI, 2017, p. 47).

hesitação – uma palavra que me diz que há outras pessoas por aí que se sentem exatamente do mesmo jeito que eu (CALLENDER, 2017, p. 220).

Atrelado a esse momento de descoberta, Felix passa por um novo processo criativo em sua escola de artes. Pensando na universidade que tanto deseja, ele começa a pintar autorretratos e isso o força a se ver. Conforme discutimos, Felix se localiza numa posição de abjeção; ele se vê, mesmo que inconscientemente, como algo que deve estar fora de cena – o obsceno –, de acordo com Miskolci (2017, p. 44), “[...] alguém que sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro”. O próprio personagem dá amostras da forma como se sente em relação a sua imagem:

Nunca passou pela minha cabeça, eu acho, pensar em fazer autorretratos. Eles sempre pareceram um pouco narcisistas para mim, e não sou exatamente o tipo de cara que quer, ou sequer é capaz, de me olhar o dia todo. Eu nunca tiro selfies, e mal gosto de me ver em espelhos. A disforia teve um papel gigante nisso. É o nome que dr. Rodrigues usou para descrever o sentimento que eu tenho quando me olho e sei que eu não pareço com o que eu deveria parecer – o desconforto que eu costumava ter, ao ver meu cabelo comprido e um peito que não era reto. Eu tenho sido sortudo o suficiente para ver a maioria das mudanças que eu quero ver, mas ainda sou o cara mais baixo entre todos os meus colegas de turma e, às vezes, posso sentir os olhares de estranhos me observando, questionando meu gênero (CALLENDER, 2017, p. 141).

Reconhecendo que não gosta de se ver, Felix decide tentar produzir autorretratos depois de ter uma conversa significativa com sua professora, na qual ela afirma que, “pintar um autorretrato faz você se reconhecer e se aceitar, por dentro e por fora – sua beleza, suas complexidades, até mesmo suas falhas. Não é fácil, de jeito nenhum [...], mas qualquer coisa que revele quem você é, o seu eu verdadeiro, não é fácil” (CALLENDER, 2017, p. 141). Ao final da narrativa, Felix termina sua produção artística e decide expor seus autorretratos na galeria da escola, em um ato de reivindicação, visto que depois de todo o processo de questionar sua identidade e de buscar se aceitar fisicamente, ele consegue *se ver* e se orgulha do que vê:

Reivindicar o saguão e seu espaço comigo, o meu eu verdadeiro – reflexões de quem eu sou, como me enxergo e como o mundo me enxerga também. A palavra final contra pessoas como Marisol e Austin. A chance de erguer um dedo do meio gigante para qualquer um que não ache que mereço estar aqui, que mereço existir, bem ao lado deles (CALLENDER, 2017, p. 276-277).

É nítida a mudança de postura assumida pelo personagem. Contudo, ele não nega o olhar que vem do Outro, ele apenas não deixa que esse olhar – transfóbico e heteronormativo – o defina, conforme observamos em uma das afirmações finais do personagem, “Eu sou Felix. Ninguém mais pode definir quem eu sou. Apenas eu mesmo” (CALLENDER, 2017, p. 279).

Por fim, como consequência dessa plena aceitação e empoderamento, o personagem aceita que merece ser amado; ele se permite se ver como uma pessoa transexual, demigaroto, negro, *queer* que é digno de amor como qualquer outra pessoa. Novamente, quando Ezra diz que o ama, dessa vez ele acredita.

4 Considerações finais

Espera-se que, durante a leitura do presente estudo, seja possível perceber como o romance de Kacen Callender é amplo e falar de todas as temáticas que compõem a obra é um empreendimento que não seria realizável dadas as limitações do estudo. Diante do exposto, compreende-se que o trabalho em questão não fecha a obra em uma interpretação una e nem almeja fazer isso. O objetivo proposto e perseguido durante a análise era o de evidenciar como a obra aborda a temática da abjeção por meio de um personagem negro, transgênero e *queer*, utilizando como subsídio teórico as reflexões que Richard Miskolci apresenta em *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* e as postulações de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge em *Interseccionalidade*. Além disso, outro objetivo do estudo era o de apresentar a forma como a heteronormatividade afeta até mesmo os sujeitos LGBTQIA+ e como as identidades, na modernidade tardia, estão em completo descentramento.

Outras temáticas poderiam, obviamente, ter servido como norte da orientação analítica. Contudo, entendendo a necessidade de se pensar, cada vez mais, em um olhar *queer* e não apenas voltado a uma teorização homoafetiva, a questão da abjeção se fez mais latente. Miskolci lança algumas reflexões sobre a necessidade de assumir uma perspectiva *queer* ao repensar todos os segmentos da vida em sociedade, mas, principalmente, ao repensar a educação. E, tendo como objeto de estudo um livro oriundo da literatura juvenil estadunidense que traz consigo um discurso representativo, viu-se necessário assumir, de fato, o posicionamento defendido por Miskolci (2017, p. 17):

Uma perspectiva queer exigiria repensar a educação e partir das experiências que foram historicamente subalternizadas, até mesmo ignoradas, mas que podem ajudar a repensar nossa sociedade, buscar superar injustiças e desigualdades. É um desafio, mas também algo muito promissor e que pode auxiliar na transformação social. Para que seja possível, é necessário superar o binário hetero-homo, a ideia poderosa e altamente contestável de que a sociedade se divide apenas em heterossexuais e homossexuais. É importante também ir além das meras tentativas de proteger aqueles que o movimento social chama de pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), um termo que não dá conta do grande espectro de gente que não se enquadra no modelo heterossexual e que não cabe em nenhuma dessas letras.

Assim, diante de tudo o que foi exposto ao longo do estudo, o romance *Felix para sempre* é relevante quando se almeja adentrar em literatura juvenil e *queer* estadunidense, com protagonismo negro. É uma obra que suscita pensar no diferente e não apenas no diverso, colocando o leitor em uma maior proximidade com os desafios que uma pessoa transexual enfrenta na contemporaneidade. O romance desloca a sexualidade e outras diferenças da esfera da saúde pública e as mostra como oriundas da cultura e da política, evidenciando que todos os indivíduos que compõem a sociedade, seja qual for, têm responsabilidade sobre a manutenção da heteronormatividade e suas consequências nocivas. Kacen Callender, autor do romance, coloca o abjeto em cena, em destaque para ser visto por todos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CALLENDER, Kacen. *Felix para sempre*. Trad. Vic Vieira. São Paulo: Editora Nacional, 2021.

CALLENDER, Kacen. Author Kacen Callender says there's no shame in not coming out. *Oprah Daily*, 31 de mar, 2021. Disponível em: <https://www.oprahdaily.com/life/a35939082/kacen-callender-against-coming-out/>. Acesso em: 05 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silvae Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HUNT, Peter. Introduction: The Expanding World of Children's Literature Studies. In: HUNT, Peter. *Understanding Children's Literature*. 2. ed. London: Routledge, 2005. p. 1-14.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: an Essay an Abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFPO – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1997.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ROWLING, J. K. *Harry Potter: Série completa*. São Paulo: Rocco, 2015.

ROSADO, Tréza. The Generation(s) of Harry Potter: The Boy Wizard and His Young Readers. In: FARR, Cecilia Konchar. *A Wizard of Their Age: Critical Essays from the Harry Potter Generation*. Albany: State University of New York Press, 2015. p. 73-82.

THOMAS, Ebony Elizabeth. Stories *Still* Matter: Rethinking the Role of Diverse Children's Literature Today. *Language Arts*, St. Louis, v. 94, n. 2, p. 116-123, Nov. 2016.

Artigo submetido em: 29 jun. 2022

Aceito para publicação em: 09 out. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.125552>